

Como Abordamos a Interseccionalidade na Computação? Busca por Valores Interseccionais em uma Revisão Sistemática de Literatura na Base SOL

Marília Abrahão Amaral^{1,2}, Leander Cordeiro de Oliveira¹,

¹Departamento Acadêmico de Informática –
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Curitiba

²Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade –
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Curitiba

{mariliaa,leanderoliveira}@utfpr.edu.br

Abstract. *This article starts from the question "How to think about feminist, gender and intersectional theories in the context of Brazilian computing?". To this end, we aim to intertwine categories (intersectionality, activism, politicization, horizontality and situated knowledge) of content analysis in articles resulting from a systematic mapping carried out in the Digital Library of the Brazilian Computer Society (SOL-OpenLib). As a result, there is a discussion about research and actions carried out in the Brazilian scenario.*

Resumo. *Este artigo parte da questão "Como pensar teorias feministas, de gênero e interseccionais no contexto da computação brasileira?". Para tal, é apresentada uma argumentação com objetivo de entrelaçar categorias (interseccionalidade, ativismo, politização, horizontalidade e saberes situados) de análise de conteúdo em artigos resultantes de um mapeamento sistemático realizado na Biblioteca Digital da Sociedade Brasileira de Computação (SOL-OpenLib). Como resultado tem-se a discussão sobre pesquisas e ações desenvolvidas no cenário brasileiro.*

1. Introdução

O espaço promovido para discussões que abordam gênero, inclusão e participação têm sido ampliado em comunidades de computação nos últimos anos. Debates sobre a necessidade de diversidade, pluralidade, inclusão, acessibilidade e outros conceitos que destacam a importância de maior participação de públicos ditos sub representados nesta área, são tratados como desafios e vem sendo bem acolhidos pela comunidade brasileira de computação, como pode ser visualizado nas 18 edições do *Women In Technology*.

Iniciativas como 5ª Conferência Nacional de CT&I, de 2023, com a Conferência Livre "Mulheres e Meninas na Ciência - Educação e Promoção da Equidade, Permanência e Interseccionalidade em Todas as Ciências", como o Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira da Computação, como o *Parent In Science*, entre outras, mostram a preocupação da comunidade brasileira (envolvida com ciência, tecnologia e computação) com as pautas mencionadas acima. Práticas, projetos, ações são descritas e compartilhadas para fomentar a entrada e a permanência de públicos sub representados na área de computação.

Com relação às discussões sobre teorias que abarcam feminismos, gênero e interseccionalidades na área de computação, nota-se que estas têm seu lugar nas referências de autoras e autores como Bardzell (2010, 2015), Light (2011), Spiel (2019),

Bellini (2022), Rode (2018), Berlins e Wadhwa (2014). Mas como pensar essas teorias no contexto da computação brasileira? Este artigo apresenta uma discussão com objetivo de entrelaçar uma teoria situada no contexto brasileiro com uma agenda, pautada na interseccionalidade, de ações que considere valores provenientes de Amaral, Almeida e Oliveira (2023) para analisar publicações resultantes de um mapeamento sistemático realizado na Biblioteca Digital da Sociedade Brasileira de Computação como forma de evidenciar pesquisas, discussões e pessoas pesquisadoras que se aproximem destes valores nas comunidades brasileiras de computação.

Foram considerados os estudos feministas, decorrentes da Quarta Onda do Feminismo Brasileiro (Perez e Ricoldi, 2018), (Rios, Perez e Ricoldi, 2019), (Perez e Ricoldi, 2023) e a apropriação destes estudos na área de computação por Amaral, Almeida e Oliveira (2023). Para tal, o artigo está dividido em 6 seções, iniciando com a introdução aqui apresentada, uma segunda seção que trata da fundamentação teórica adotada, seguida do percurso metodológico e dos resultados obtidos. Ao final tem-se as conclusões e referências.

2. Arcabouço Teórico: entrelaçando traços do Feminismo de Quarta Onda no Brasil com a Computação

Esta pesquisa inicia seu recorte da quarta onda do feminismo no Brasil com base em traços que emergiram das pesquisas Perez e Ricoldi (2018), Rios, Perez e Ricoldi (2019), Perez e Ricoldi (2023). A pesquisa de Perez e Ricoldi (2018) foi realizada por meio da sistematização da produção acadêmica brasileira sobre o tema no Portal de Periódicos da Capes e na plataforma Google Acadêmico, no ano de 2018, utilizando a expressão "quarta onda" e "feminismos" no título ou resumo da produção. No total foram sistematizados 58 trabalhos, após aplicação de filtros de exclusão. Assim, as autoras definiram três traços, ou valores principais desta quarta onda do movimento feminista no Brasil (Perez e Ricoldi, 2018): a) a mobilização construída e divulgada na internet - demonstrando a importância do ciberativismo realizado por coletivos; b) a interseccionalidade: que traz sua lente de análise para além da categoria do gênero, envolvendo raça-etnia, classe social e, para este contexto, outros marcadores como sexualidade, capacitismo, etarismo, religião, territorialidade e cultura; c) a atuação por meio de coletivos, que valoriza a relação dos movimentos sociais com o estado e a ocupação de cargos públicos por parte das pessoas provenientes destes movimentos.

Além desses 3 traços, na referida pesquisa (Perez e Ricoldi, 2018) tem-se a ocorrência de outros valores: sororidade; questionamento sobre os padrões de beleza e o decolonialismo. Para incrementar a pesquisa realizada por Perez e Ricoldi (2018) foram considerados trabalhos resultantes de uma segunda Revisão Sistemática de Literatura que tomou como base o mesmo protocolo indicado por Perez e Ricoldi (2018), porém com o período de 2018 a 2023. Nesta atualização foram encontrados 9 artigos, havendo duas repetições, totalizando 7 pesquisas. Todas as pesquisas foram consideradas para a presente análise.

Foi possível observar que os traços ou valores já apresentados por Perez e Ricoldi (2018) para uma quarta onda do feminismo no Brasil ainda são categorias que

emergem dos outros textos, reforçando a importância dos coletivos, do ciberfeminismo e da interseccionalidade.

Neste escopo complementar de Revisão Sistemática de Literatura, dos sete novos artigos, três deles (Martinez, 2021), (Perez e Ricoldi, 2023), (Miguel, 2020) reforçam o ciberfeminismo por meio da participação de coletivos na internet. Martinez (2021) apresenta o ativismo na internet como um movimento estético, filosófico e político e reforça a predominância da interseccionalidade nas pautas do movimento feminista de quarta onda no Brasil. Já Moresco (2022) e Felizardo (2022) trazem o ativismo fora das redes digitais, mas valorizando também os coletivos e os aspectos políticos desta quarta onda.

No trabalho de Miguel (2020) é possível observar que a interseccionalidade, operada por movimentos que envolvem mulheres negras, lésbicas, de pessoas trans e pessoas com deficiência, entre outros, traz uma possibilidade de protagonismo plural nas redes.

A interseccionalidade também está presente no trabalho de Soares e Mazzarino (2022). Assim como Martines (2021), as autoras Perez e Ricoldi (2023), Miguel (2020), Souza (2023), Soares e Mazzarino (2022) são influenciadas pela interseccionalidade definida em (Crenshaw, 2002), que problematiza "... nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas, mas sim com grupos sobrepostos (Crenshaw, 2002, p.4)". No contexto Latino Americano, antecedendo Crenshaw (2002), a brasileira Lélia Gonzales (Gonzales (1984), (1998), (2011)) já problematizou o imbricamento entre gênero/feminismo, raça e classe em suas obras, considerando a sociedade brasileira, porém sem esta denominação.

Com este panorama complementar, entende-se que os traços já elencados por Perez e Ricoldi (2018) e reforçados por Rios, Perez e Ricoldi (2019) e Perez e Ricoldi (2023), foram reforçados nos sete artigos aqui descritos. Desta forma, para o recorte desta pesquisa entende-se que os valores da quarta onda feminista brasileira são: mobilização na web, interseccionalidade, atuação em coletivos. A sororidade, também citada em Perez e Ricoldi (2018), está considerada nas pesquisas analisadas no item atuação em coletivos. Os questionamentos sobre padrões de beleza convergem para as discussões interseccionais, assim como o decolonialismo.

A fim de entrelaçar essa quarta onda aqui apresentada com a área de computação, Amaral, Almeida e Oliveira (2023) propuseram uma agenda pautada na interseccionalidade, valor esse que dialoga com a quarta onda do feminismo e com a terceira onda de IHC (Bardzell, 2010), (Bardzell; Bardzell, 2015), (Bodker, 2015), (Harisson; Sengers; Tatar, 2017). Essa terceira onda de IHC desenvolve reflexões sobre questões de intersexualidade, feminismos, gênero, corporalidade, decolonialidade e teoria crítica da tecnologia para compreender as interações entre humanos e artefatos de forma situada (Bardzell; Bardzell, 2015).

Desta forma temos aqui valores que derivam de tal Agenda:

- a) Politização: entender a responsabilidade ética no desenvolvimento de artefatos digitais e a difusão de conteúdos machistas/sexistas/violentos. Entender as posições/espços de poder das pessoas que desenvolvem esses artefatos

tecnológicos e discutir questões sobre a não neutralidade das tecnologias (Winner, 1980).

- b) Horizontalidade: propor que é necessário fomentar a educação crítica e cidadã em Computação, para que todas e todos possam projetar e desenvolver, considerando diversas possibilidades/formatos de participações (Montero, 2004). Compreender os contextos de comunidades, de coletivos e de organizações com estruturas fluidas, considerando a não linearidade do desenvolvimento de artefatos tecnológicos, já que seus percursos de desenvolvimento são múltiplos, desiguais e marcados por negociações entre diferentes grupos sociais (Feenberg, 2013).
- c) Interseccionalidade: entender os diferentes cortes que se sobrepõem sobre os mesmos corpos, para abordar uma computação que preconize desenvolvimentos que problematizam a inclusão digital e social, considerando raça, etnia, classe, gênero, geração, sexualidade, religião, cultura e outros marcadores. Atuar para o aumento efetivo da representatividade nas equipes, ambientes de formação, academia e espaços não formais. Manter ativo o desafio de abordar as diferenças dentro da diferença, como proposto por Crenshaw (2002), na área de computação.
- d) Ativismo das pessoas: engajar em causas sociais de maneira genuína e assim desmistificar o determinismo tecnológico que cerca a área de computação (Feenberg, 2013, Winner, 1980). É necessário um olhar anti racismo, anti machismo, anti etarismo e etc. Considerar os valores dos movimentos on-line, como o ciberativismo e o ciberfeminismo, conforme apontado por Perez e Ricoldi (2018), compreendendo que o caminho entre computação e sociedade é uma via de mão dupla, tendo interferências das tecnologias nas vidas das pessoas, mas também das pessoas nas tecnologias.
- e) Saberes situados: deslindar a necessidade de entender as origens, as histórias, a trajetória e a corporificação das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento (sejam pessoas desenvolvedoras, pessoas (não-)usuárias ou pessoas participantes de comunidades envolvidas) para valorizar os saberes, fazeres e querereres das pessoas participantes (Montero, 2004), inclusive os saberes não acadêmicos. Essas participações devem ser fomentadas por meio de práticas democráticas e dialógicas. Neste contexto é importante trazer a crítica ao colonialismo (Perez e Ricoldi, 2018) (Ali, 2016) privilegiando os estudos centrados nas particularidades de nossos lugares.

A análise apresentada na seção 4 toma como base tais valores como categorias de análise para discussão das teses e dissertações que foram selecionadas por meio do método apresentado na seção 3 deste artigo.

3. Percurso Metodológico

O método de classificação e análise das pesquisas foi desenvolvido sob a ótica dos estudos em Interseccionalidades (Amaral; Almeida; Oliveira, 2023), que envolve a integração da teoria feminista de quarta onda no Brasil em Interação Humano-Computador. As categorias de análise elencadas são provenientes dos valores: Horizontalidade, Politização, Interseccionalidade, Ativismo e Saberes Situados.

A Revisão Sistemática de Literatura, foi realizada no portal da SBC-OpenLib (SOL)¹. Conforme a Tabela 1, foram buscadas cada uma das palavras e algumas de suas variações, separadamente, sem delimitação de período, considerando Artigos em Periódico e em Anais de Eventos, com a busca no campo “Qualquer lugar”.

Os seguintes critérios de inclusão aplicados foram: Trabalhos publicados no SBC-OpenLib, sem restrição de datas, considerando publicações em Anais de Eventos e/ou Periódicos. Como critério de exclusão ficou definido: trabalhos que não tenham aderência a pesquisas na área de feminismos, considerando o aporte já tratado na seção 2 deste artigo. A Tabela 1 apresenta os termos buscados, as quantidades retornadas e as quantidades consideradas após aplicação do critério de exclusão, com base na leitura de títulos e resumos.

Tabela 1. Resultados Encontrados no portal SOL-OpenLib

Chave de Busca	Qtde. Inicial	Qtde. Pós Filtro
Horizontalidade	0	0
Horizontal	43	2
Interseccionalidade	0	0
Interseccional	1	1
Politização	0	0
Saberes Situados	0	0
Situados	6	2
Ativismo	5	4

Observando o resultado total de 55 trabalhos e retirando as duplicatas e aplicando os critérios de exclusão, tem-se, para análise, 9 trabalhos que foram publicados em Anais de Eventos veiculados no repositório SBC-OpenLib. Esses trabalhos foram analisados seguindo os passos propostos por Bardin (1977): a) Pré-análise – seleção dos materiais analisados, conforme exposto acima, com intuito de definir o objetivo da análise de conteúdo; b) Exploração do material – por meio da codificação e da categorização do material, com as categorias de análise; e o, c) tratamento dos resultados e interpretação – realizada por meio de triangulação com o referencial adotado. Foram consideradas, como categorias de análises: Politização, Horizontalidade, Interseccionalidade, Ativismo e Saberes Situados, (Amaral, Almeida, Oliveira, 2023) que serão articuladas na próxima seção, para apresentação dos resultados e discussões.

4. Resultados Obtidos e Diálogo com a Agenda

Dos nove artigos selecionados, todos foram publicados em Anais de Eventos. Dois deles no Seminário de Educação (SEMIEDU) e os demais nos anais dos seguintes eventos: Simpósio Brasileiro de Educação em Computação (Educomp), Workshop de Informática na Escola (WIE), Escola Regional de Computação do Rio Grande do Sul,

¹ Pode ser acessada em <https://sol.sbc.org.br>

Simpósio Brasileiro de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC), *Women in Information Technology* (WIT), Simpósio Brasileiro de Sistemas Colaborativos e Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital.

A chave de busca "horizontal" retornou os trabalhos de França et al (2021) e Rodrigues e Batista (2017). O termo "ativismo" retornou as pesquisas de Rodrigues et al. (2018), Frade (2021), Brito et al. (2023), Melo e Pimentel (2022). Quando se trata do termo "interseccional", a resposta obtida foi Pacheco (2021), e a chave de busca "situados", trouxe como resposta Rodrigues e Batista (2021) e Santos e Lima (2020).

Após esta fase de pré-análise (Bardin, 1977), foi iniciada a fase de exploração do material para a codificação e a categorização, por meio de leitura dos textos e seleção de trechos alinhados com os valores pré-definidos. Foi possível notar que embora os textos tenham sido encontrados com o uso de determinadas chaves de buscas, diferentes categorias de análise podem ser observadas no mesmo texto. A Tabela 2 traz a sistematização deste retrato do imbricamento de categorias de análise nos textos, que baseia o tratamento dos resultados e interpretação por meio da triangulação com o referencial adotado.

A categoria ativismo, como mencionada na seção 2, apresenta a ótica da participação social, dos movimentos e coletivos que reforçam a via de mão dupla existente entre a relação da sociedade e com as tecnologias, criticando posturas excludentes (e até criminosas) como o racismo, machismo, etarismo entre outras. Esta postura é destacada em Melo e Pimentel (2022), para revelar a campanha de ódio que cercou o jogo *The Last of Us Part II*. O trecho "Com a guerra cultural que vivemos hoje, uma das preocupações mais relevantes é como esse tipo de movimento antagoniza mulheres, pessoas LGBTQI+ e não-brancas no meio gamer." (Melo e Pimentel, 2022), apresenta esta preocupação de maneira bem direta.

O trabalho de Rodrigues et al. (2018), por meio da análise de um aplicativo para monitoramento de controle menstrual chamado Clue, traz algumas definições acerca da maneira como o ativismo se apresenta nas discussões da quarta onda feminista, por meio do ciberfeminismo, valorizando "um empoderamento feminino mediado pelas redes e pela internet" (Rodrigues et al., 2018), sendo que o ciberfeminismo "compreende-se tanto pela inserção/participação de ativistas do movimento social feminista, quanto por pessoas que não detêm conhecimento prévio acerca da temática" (Rodrigues et al., 2018).

Já o artigo de Brito et al. (2023), trata a categoria ativismo apresentando uma entrevista com "... um ativista atuante em comunidades socialmente vulnerabilizadas do estado do Rio de Janeiro com o objetivo de compreender o contexto de sua atuação e sua percepção da literacia de dados como um meio para expressar desejos e emergências sociais." Neste cenário, Brito et al. (2023) também reforçam a categoria horizontalidade e suas preocupações com os contextos das comunidades, coletivos e organizações fluidas, na não linearidade do desenvolvimento de artefatos tecnológicos, quando trazem:

"... é importante reconhecer que a falta de participação direta das populações envolvidas desde o início da pesquisa pode limitar suas abordagens, desviando o foco da pesquisa dos interesses concretos das comunidades,

marginalizando vozes de lideranças e comprometendo a aproximação dos cientistas da complexidade das questões sociais implicadas." (Brito et al, 2023).

Tabela 2. Imbricamento das categorias de análise

Autoria e Título dos artigos	Categorias de Análise
França, Rozelma Soares de; Pontual Falcão, Taciana; Perez, Flavia; Morais, Dyego. (2021). Uma Análise da Emergência de Pensamento Computacional em Práticas de Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação do Campo.	Horizontal, Saberes Situados
Rodrigues, Nadja; Batista, Mércia. (2017). Tecnologias Digitais e Cidadania: visões e políticas públicas relacionadas à inclusão digital em João Pessoa.	Horizontal, Politização, Saberes Situados
Pacheco, Paula Caroline de Moraes. (2021). Performances de Gênero e Sexualidade na Escola: Análise do Filme Meninas Malvadas.	Interseccionalidade Politização
Rodrigues, Laudinéa de Souza; Batista, Marina dos Santos. (2021). Entre o Igarapé e a Escola: Fazeres Infantis de Crianças Gavião Ikolen com e na Natureza.	Saberes Situados, Horizontalidade
Santos, José Bruno da Silva; Lima, Emerson de Araújo. (2020). Projeto de Extensão de Iniciação à Programação: uma experiência com jovens do agreste alagoano.	Saberes Situados
Rodrigues, Kalissa; Salerno, Larissa; Johnstone, Luiza; Jesus, Mayara; Silveira, Milene. (2018). A Saúde da Mulher e a Tecnologia: Uma Análise Heurística e Netnográfica do Aplicativo Clue.	Ativismo, Saberes Situados, Horizontalidade
Frade, Renata Loureiro. (2021). Comunidades de mulheres em tecnologia: estudo comunicacional e organizacional.	Ativismo, Politização, Horizontalidade, Saberes Situados, Interseccionalidade
Brito, Luciana; França, Juliana; Dias, Angélica; Vivacqua, Adriana. (2023). Entendendo a própria casa: conexões e alinhamentos para capacitar comunidades vulnerabilizadas na era da informação.	Ativismo, Politização, Horizontalidade, Saberes Situados,
Melo, Philipe; Pimentel, Clara. (2022). A Campanha de Ódio contra The Last of Us Part II.	Ativismo, Politização

Os coletivos feministas e o ativismo destes e a relação com a horizontalidade também está presente no trabalho de Frade (2021). Já no objetivo isso fica explícito quando a autora traz: "A investigação pretende mapear o ativismo coletivo feminino tecnológico português e brasileiro, a partir do estudo comunicacional e interacional de plataformas digitais utilizadas por líderes, voluntárias e públicos-alvos." Com este

objetivo a autora (Frade, 2021) tensiona o tema ativismo feminista e revela soluções de inclusão, empoderamento e educação de mulheres na área de tecnologia, conversando com os preceitos da categoria politização, para entender a responsabilidade ética no desenvolvimento de artefatos digitais e as posições/espços de poder das pessoas que desenvolvem esses artefatos. Pacheco (2021) aponta ainda as construções de gênero e sexualidade enquanto estruturantes de relações de poder, aspectos que precisam ser considerados a partir de uma politização no desenvolvimento de artefatos tecnológicos.

Os saberes situados são abordados de forma evidente nas pesquisas de França et al. (2021), Rodrigues e Batista (2017), Rodrigues e Batista (2021), Santos e Lima (2020), Rodrigues et al. (2018), que tratam de públicos sub representados no contexto da computação, apresentando as histórias, trajetórias e a corporificação dessas pessoas pertencentes a tais comunidades, valorizando seus saberes, fazeres e querereres, inclusive os saberes não acadêmicos.

França et al. (2021) anuncia que a pesquisa é ancorada em abordagem histórico-cultural com uma comunidade de prática que envolve pesquisadores, estudantes, professoras e técnicos agrícolas para a construção horizontal e coletiva de saberes. Neste ponto já é possível observar as preocupações oriundas das categorias saberes situados e horizontalidade, considerando o contexto da educação do campo. A pergunta de pesquisa apresentada salienta tais categorias:

"Neste artigo, a análise centra-se sobre jogos digitais educacionais desenvolvidos em uma experiência com escolas do campo de Pernambuco, sob uma perspectiva situada e crítica, buscando responder à seguinte pergunta: Como práticas de pensamento computacional emergem no processo de desenvolvimento de jogos digitais educacionais com a participação de estudantes de escolas do campo?" (França, et al., 2021).

A pesquisa de Rodrigues et al. (2018) também apresenta características ligadas ao valor de horizontalidade, uma vez que discute a elaboração de artefatos por públicos diversos, trazendo temáticas e necessidades específicas que passam despercebidos por projetos triviais de design que desconsideram participações amplas, que no caso do projeto, estão ligadas às necessidades específicas de saúde da mulher.

No método de Rodrigues e Batista (2017), adotado na pesquisa que explora a relação entre políticas públicas e a Inclusão Digital no IFPB, é possível entender a importância dos saberes situados aliados à questões relativas à categoria politização, quando estes valorizam as trajetórias dos indivíduos envolvidos no processo de inclusão digital: "As entrevistas usam história oral, registrando a experiência de indivíduos no IFPB.". Rodrigues e Batista (2017) relatam que o estudo de caso no IFPB relaciona política de governo para avaliar "a potencialidade das ações públicas para promoção de uma ID democrática e voltada à valorização da cidadania e da inclusão social."

Ainda na categoria saberes situados, a metodologia de netnografia, utilizada na pesquisa de Rodrigues et al. (2018), apontada pelas autoras como "conjunto específico de práticas de pesquisa éticas e representacionais" Rodrigues et al. (2018) busca discutir especificamente a saúde da mulher no contexto do controle menstrual, relacionando saberes que partem deste grupo social, o que compreendemos como saberes situados.

O entendimento da interseccionalidade como sobreposição de opressões aos mesmos corpos auxilia a abordar uma computação que preconiza desenvolvimentos que problematizam a inclusão digital e social, considerando raça, etnia, classe, gênero, geração, sexualidade, religião, cultura e outros marcadores. Pacheco (2021) menciona que em sua pesquisa:

"Lança-se mão da perspectiva interseccional, sobre a qual Piscitelli (2008) salienta que, oferece ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas desigualdades, o que suscita a necessidade de se contemplar igualmente as demandas formativas dos diferentes grupos sociais e culturais presentes na escola." (Pacheco, 2021).

Frade (2021), também trabalha com a teoria interseccional para analisar comunidades de mulheres em tecnologia. Segundo a autora:

"Com viés na abordagem analítica também étnico, enfatizam a interseccionalidade de gênero, apontam como as mulheres se constituem como a principal força de trabalho das indústrias de tecnologia em busca de mão-de-obra barata, tanto na fabricação como em serviços e programação." (Frade, 2021)

Os trechos aqui articulados com os valores propostos em Amaral, Almeida e Oliveira (2023) mostram caminhos que estão sendo trilhados em pesquisas disponíveis na biblioteca SOL-OpenLib e que pensam uma computação situada e contextualizada na realidade brasileira.

5. Considerações Finais

Este artigo partiu das discussões sobre teorias que envolvem feminismos, gênero e interseccionalidades no contexto da computação brasileira. Como resultado tem-se o mapeamento de pesquisas publicadas na SOL-OpenLib e o entrecruzar destas com os valores provenientes de Amaral, Almeida e Oliveira (2023).

Foi possível evidenciar que pesquisadoras e pesquisadores têm preocupações e ações para desenvolver valores de uma quarta onda do feminismo brasileiro no âmbito da computação brasileira. Espera-se que no futuro seja possível, com os marcos teóricos aqui discutidos, desenrolar ações pontuais que incentivem: Inserir nas recomendações de cursos em computação conteúdos sobre Pluralidade na Computação para fomentar a educação crítica, ética e cidadã, para que todas possam projetar, considerando diversos formatos de participações; Destacar no perfil de egressos(as) dos cursos de computação saberes que valorizem trabalhos em comunidades interseccionais; Praticar a indissociabilidade entre ensino (graduação), pesquisa (programas de pós-graduação) e extensão (projetos, ações, curricularização) para ambientação discente em comunidades diversas, valorizando saberes situados; Valorizar a Interdisciplinaridade na Computação, com recomendações de conteúdos nos cursos de Computação, para incorporar elementos críticos e reflexivos no projeto e desenvolvimento e uso dos artefatos; Ampliar fóruns, tais como Workshop "Culturas, Alteridades e Participações em IHC - CAPAihc", que oportunizam discussões envolvendo marcadores interseccionais na computação.

Assim, entende-se a necessidade de considerar que a área de computação reflita sobre a participação de pessoas que estão situadas, com corpos e interesses, que sofrem

exclusões e discriminações, que são privilegiadas e detém o poder de tomada de decisão sobre suas vidas e as de outrem, enfim, pessoas em sua complexidade e não somente usuários operadores.

Referências

- Ali, Syed Mustafa. (2016). A brief introduction to decolonial computing. **XRDS: Crossroads, The ACM Magazine for Students**, v. 22, n. 4, p. 16-21.
- Amaral, Marília Abrahão; Almeida, Leonelo Dell Anhol; Oliveira, Leander Cordeiro de. (2023). Quem o Feminismo em IHC deixou de fora? Proposta de uma Agenda a partir de Correlações entre Feminismos e IHC no Brasil. *In: Workshop em Culturas, Alteridades e Participações em IHC (CAPAIHC)*, 2., 2023, Maceió/AL. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação. p. 62-67.
- Bardin, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, Lda, 1977
- Bardzell, Shaowen. (2010). **Feminist HCI: Taking stock and outlining an agenda for design**. Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings. 2.
- Bardzell, Shaowen; Bardzell, Jeffrey. (2015). **Humanistic HCI: synthesis lectures on Human-Centered Informatics**. Morgan & Claypool Publishers.
- Bellini, Rosanna; Meissner, Janis; Finnigan, Samantha Mitchell; Strohmayer, Angelika. (2022). **Feminist human-computer interaction: Struggles for past, contemporary and futuristic feminist theories in digital innovation**. *Feminist Theory*, 23(2), 143-149.
- Bødke, Susanne. (2015). **Third-wave HCI, 10 years later - Participation and sharing**. *interactions*. 22. 24-31.
- Breslin, Samantha; Wadhwa, Bimlesh. **Exploring Nunanced Gender Perspectives within the HCI Community**. Proceedings of the India HCI 2014 Conference on Human Computer Interaction (IndiaHCI '14). Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, p. 45-54, 2014.
- Brito, Luciana; França, Juliana; Dias, Angélica; Vivacqua, Adriana. (2023). **Entendendo a própria casa: conexões e alinhamentos para capacitar comunidades vulnerabilizadas na era da informação**. In: Workshop BR-CHI de Pesquisa e Colaboração - Simpósio Brasileiro de Sistemas Colaborativos (SBSC), 18, Rio de Janeiro/RJ. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação. p. 109-112.
- Crenshaw, Kimberlé. (2002). **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Cruzamento: raça e gênero. Brasília, DF: Unifem.
- Frade, Renata Loureiro. (2021). **Comunidades de mulheres em tecnologia: estudo comunicacional e organizacional**. In: Women In Information Technology (WIT), 15, Evento Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, p. 41-50.
- França, Rozelma Soares de; Pontual Falcão, Taciana; Peres, Flavia; Morais, Dyego. (2021). **Uma Análise da Emergência de Pensamento Computacional em Práticas**

- de Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação do Campo.** In: Simpósio Brasileiro de Educação em Computação(EDUCOMP), 1., On-line. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, p. 104-112.
- Feenberg, Andrew. (2013). **O que é a Filosofia da Tecnologia?** In Neder, Ricardo T. (Org.) A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia (pp. 49-66). Brasília: CDS/UnB/Capes.
- Felizardo, Nayara Augusto; Correia, Cristiano de Oliveira Viana; Chersoni, Felipe de Araújo. (2022). **Feminismo Maternal e Feminismo Matricêntrico: Política, Direito e Maternidade na Primeira e Quarta Ondas Feministas.** Revista de Constitucionalização do Direito. Vol.5, N.2.
- Gonzales, Lélia. (1984). **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244.
- Gonzales, Lélia. (1998). **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n.º 92/93.(jan.jun.), p. 69-82.
- Gonzales, Lélia. (2011). **Por um feminismo afro-latino-americano.** In: Caderno de formação política do Círculo Palmarino n.01 Batalha de Ideias.
- Harrison, Steve; Tatar, Deborah; Sengers, Phoebe. **The three paradigms of HCI.** CHI, 2007, April 28 - May 3 - San Jose, USA. 2007.
- Martinez, Fabiana Jordão. (2021). **Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital.** *Revista Estudos Feministas*, 29(3), e70177.
- Melo, Philipe; Pimentel, Clara. (2022). **A Campanha de Ódio contra The Last of Us Part II.** In: Trilha de Cultura - Artigos Completos - Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital (SBGAMES), 21., Natal/RN. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação. p. 428-437.
- Miguel, Raquel de Barros Pinto; Marx, Djenifer Samantha; Arndt, Gilmara Joanol. (2020). **Surfando na onda digital: feminismos em rede no Brasil.** *Ex aequo*, (42), 119-134.
- Montero, Maritza. (2004). **Introducción a la psicología comunitaria:** Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires, Argentina: Editorial Paidós.
- Moresco, Marcielly Cristina. (2022). **Primavera secundarista: uma convivência feminista.** *Revista Estudos Feministas*, 30(1).
- Pacheco, Paula Caroline de Moraes. (2021). **Performances de Gênero e Sexualidade na Escola: Análise do Filme Meninas Malvadas.** In: Anais Principais do Seminário de Educação (SEMIEDU), 29., Cuiabá. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, p. 481-494.
- Perez, Olívia Cristina; Ricoldi, Arlene Martines. (2018). **A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos.** 42º Encontro Anual da ANPOCS GT8 - Democracia e desigualdades. Caxambu.
- Perez, Olívia Cristina; Ricoldi, Arlene Martines. (2023). **A quarta onda feminista no Brasil.** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 3, e83260, 2023.

- Rios, Flávia; Perez, Olívia Cristina; Ricoldi, Arlene Martines. (2019). **Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo**. *Lutas Sociais*, 22(40), 36–51.
- Rode, Jennifer A. **A theoretical agenda for feminist HCI**. *Interacting with Computers*, v. 23, n. 5, p. 393-400, 2011.
- Rodrigues, Nadja; Batista, Mércia. (2017). **Tecnologias Digitais e Cidadania: visões e políticas públicas relacionadas à inclusão digital em João Pessoa**. In: Workshop de Informática na Escola (WIE), 23., Recife. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, p. 935-944.
- Rodrigues, Laudinéa de Souza; Batista, Marina dos Santos. (2021). **Entre o Igarapé e a Escola: Fazeres Infantis de Crianças Gavião Ikolen com e na Natureza**. In: Anais Principais do Seminário de Educação (SEMIEDU), 29, Cuiabá. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação. p. 702-715.
- Rodrigues, Kalissa; Salerno, Larissa; Johnstone, Luiza; Jesus, Mayara; Silveira, Milene. (2018). **A Saúde da Mulher e a Tecnologia: Uma Análise Heurística e Netnográfica do Aplicativo Clue**. In: Competição de Avaliação - Simpósio Brasileiro de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC), 17., Belém. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação.
- Santos, José Bruno da Silva; Lima, Emerson de Araújo. (2020). **Projeto de Extensão de Iniciação à Programação: uma experiência com jovens do agreste alagoano**. In: Escola Regional de Computação do Rio Grande do Sul (ERCOMP-RS), 1, Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação. p. 28-37.
- Soares, Amanda Cantú Rodrigues; Mazzarino, Jane Marcia. (2022). **A violência de gênero como estopim e as redes sociais como propulsoras da quarta onda feminista no Brasil**. *C&S – São Bernardo do Campo*, v. 44, n. 1, p. 107-148.
- Souza, Juliana Ines Luiz. de; Carvalho, Michele Santos de; Drummond, Daniela Rocha; Cerqueira, Carla. (2023). **Onde estão as pesquisas sobre gênero na Comunicação? Uma análise da produção em língua portuguesa**. *Intercom: Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação*, 46.
- Spiel, Katta; Keyes, Os; Walker, Asley Marie; DeVito, Michael Ann; Birnholtz, Jeremy; Brulé, Emeline; Light, Ann; Barlas, Pinar; Hardy, Jean; Ahmed, Alex; Rode, Jennifer A; Brubaker, Jed R; Kannabiran, Gopinaath (2019). **Queer(ing) HCI: Moving Forward in Theory and Practice**. In *Extended Abstracts of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, pages 1–4, Glasgow Scotland Uk, May,. ACM.
- Winner, Langdon (1980). **Do Artifacts Have Politics?** In Winner, L. *The Whale and the Reactor – A Search for Limits in an Age of High Technology* (pp. 19-39). Chicago: The University of Chicago Press.